

CANUDOS, CORTIÇO E A REPÚBLICA: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA.

Maria José de França Sobreira¹
Thays Barros de Sousa²

Durante muito tempo a literatura foi entendida como uma forma de descontrair as pessoas nas suas horas vagas, com escrita fantasiosa e leitura agradável. No entanto, como veremos no decorrer deste trabalho essa forma de perceber a obra já não é aceite perfeitamente, pois a literatura alinhada à nova história cultural vai no desenrolar do tempo ganhando novas vertigens.

No que diz respeito a obra do historiador sobre a obra literária temos outras construções. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é mostrar como diversos historiadores passam a se apropriar da literatura como lugar de observação de histórias. Para tanto, no desenvolver desse trabalho nos apoiamos nos trabalhos literários desenvolvidos por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, Aluísio de Azevedo em *O Cortiço*, e como suporte teórico a autora Sandra Jatahy Pesavento em seu texto *História e Literatura: Uma velha nova História*. É com base nos estudos desses autores já citados que procuramos mostrar como constituem a relação da história com a literatura. Como a partir dessas histórias literárias o historiador pode explicar os acontecimentos de determinadas épocas, no caso a República.

Como suporte teórico dessa aproximação entre literatura e história, usaremos os conceitos de Sandra Jatahy para entendermos como a corrente historiográfica passa a se alinhar nessa concepção histórica e literária e, como os historiadores passam a lidar com esse novo trabalho histórico. Nesse sentido, nosso objetivo é mostrar como é possível através da literatura, o historiador informar sobre a vida social, política e cultural das primeiras décadas da República.

Sandra Jatahy (2006) faz uma discussão em torno do diálogo da História com a literatura dizendo:

(...) Literatura e História são narrativas que tem o real como referente para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre elas toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas são representações que se referem a vida e que a explicam. (PESAVENTO, 2006: 16).

¹ Graduanda do curso de história do CFP/UFMG.

² Graduanda do curso de história do CFP/UFMG.

Nessa perspectiva notamos que há certa relação entre história e literatura, pois as mesmas procuram atribuir significados a um real acontecido, procurando através de suas narrativas explicarem o que aconteceu ou não aconteceu, problematizando o que já foi dito e questionando o que não aconteceu. A literatura toca no íntimo do ser humano, detalhando de forma minuciosa um imaginário de representações como explica a autora:

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mais privilegiadas, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam [...] Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006: 51).

Como se vê, a literatura abre portas para que o historiador trabalhe sem se apegar a documentos tradicionais e oficiais, com a literatura o historiador penetra no íntimo de personagens da história, abrindo assim caminhos para se fazer uma nova história.

No início da República já nos deparamos com trabalhos de natureza literária que se alinham a história na descrição de determinados acontecimentos. Euclides da Cunha é exemplo de quem trabalhou com a literatura alinhada com a história.

Mesmo estando preso a um período da História tradicional da República, Euclides se utiliza de ideologias e interpretações para escrever em sua obra mais famosa (Os Sertões) o acontecimento de Canudos.

Por trás da luta entre os jagunços e as tropas do Governo Federal no interior da Bahia, estava Euclides da Cunha como repórter e informante da campanha de Canudos. De espectador a escritor, Euclides registra todo o ocorrido em Canudos e, escreve o livro Os Sertões. Ao escrever esta obra Euclides se utiliza de um fato histórico, no caso a campanha de Canudos com o intuito de se aproximar o mais perto possível do homem e sua estrutura social, no caso do arraial de Canudos, o autor passa a utilizar de ideologias. É através dessa aproximação que Euclides faz com o cotidiano do sertanejo, que o autor emprega da narrativa literária e histórica para explicar a vida do povo sertanejo.

O livro Os Sertões é uma das obras literárias que mais se aproxima da realidade da história sertaneja do Brasil no início da República. O autor escreve detalhadamente como foi à chegada da República para aquelas pessoas que viviam no interior da Bahia, e qual a reação

das mesmas ao se depararem com uma estrutura de governo da qual não estavam acostumadas. Ao escrever sobre a “Terra” na primeira parte do livro Euclides parece viajar no tempo e no espaço, é como se o autor estivesse vivendo e imaginando o Sertão, ele descreve aos mínimos detalhes toda a região, o clima e os problemas das secas.

Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas, esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, requestado; ruge o nordeste nos ermos, e, como o cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos... Mas, reduzidas estende funções, a planta, estivando em vida latente, alimenta-se das reservas que armazena nas quadras remansadas e rompe os estilos, pronta a transfigurar-se entre os deslumbramentos da primavera. (CUNHA, 1973: 53).

Vale salientar que Euclides não morou no sertão, apenas esteve na Bahia durante a guerra de Canudos, trabalhando como repórter. Para escrever tão bem Os Sertões, o autor fez uso de sua formação intelectual e ideológica, para assim descrever o contexto social do qual o sertanejo estava inserido.

Na segunda parte do livro Euclides faz uma análise social do povo em si, escreve sobre os costumes, as crenças religiosas e culturais do povo sertanejo, em suma, faz uma “descrição do homem”. Escreve sobre a vida de Antônio Conselheiro e suas peregrinações e a forma como este repudiava a República.

O autor escreve sobre a situação de miséria em que vivia o povo sertanejo com os problemas da seca. Com a proclamação da República, esse povo miserável passa a viver em condições piores do que já viviam, pois o governo de Floriano Peixoto militarista tratou logo de formular leis entre as quais as pessoas tinham que pagar impostos altíssimos mesmo sem nenhuma condição financeira, a separação da igreja e do estado foi outro fator que levou a sociedade e principalmente Antonio Conselheiro a repudiar a República, e sobre o seu poder ditatorial não oferecia nenhuma assistência a população. Conselheiro assim descrevia “A República pecado mortal de um povo – heresia suprema, indicadora de triunfo efêmero do anticristo”. (CUNHA, 1973: 154).

Com as suas pregações religiosas, Conselheiro consegue muitos seguidores e forma o Arraial de Canudos, que vai cada vez mais se expandindo. Euclides mostra em seu livro que esses seguidores de Conselheiro, muitos não sabiam nem mesmo o que era República, apenas a viam como um mal, pois os impossibilitavam e os subjugavam ainda mais ao poder dos coronéis e a exploração do trabalho.

Com o seu crescimento, o Arraial de Canudos logo passou a ser visto como uma resistência ao regime Republicano, e uma forma de luta pela restauração do poder monárquico. Dessa forma o governo tratou logo de mandar expedições para destruir Canudos. Foram mandadas quatro expedições para finalmente conseguir por o baixo o Arraial de Canudos. Para o autor, a luta entre os jagunços e as tropas militares era desigual, pois para a defesa do sertanejo só tinha a natureza que defendia.

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem, traçam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multivias, para o matuto que ali nasceu e cresceu. (CUNHA, 1973: 176).

O autor descreve que a favor dos jagunços só tinha a natureza que o protegia enquanto o exército possuía toda uma armada. Mesmo assim o Arraial conseguiu resistir três expedições, sendo que na quarta expedição Canudos foi destruído. Dessa forma, pode-se notar que Os Sertões é uma obra literária que se apropria da história de Canudos aos mínimos detalhes, para fazer assim uma narrativa do que veio a ser o tempo republicano nas suas primeiras décadas. Com a obra Os Sertões, se ver como é possível o historiador através da literatura explicar a implantação e a aceitação do povo com relação à República ditatorial que foi instalada.

Outra obra de grande valor para o historiador da literatura republicana é o livro O cortiço de Aluizio de Azevedo, Aluizio se apropria de um fato histórico que foi a transição do Império para a República para escrever a obra literária O Cortiço. O autor usa do imagético e do real para escrever a fundo o cotidiano aos mínimos detalhes da sociedade brasileira no advento da República.

É através desses detalhes que o autor se aproxima do homem para apresentar o contexto social, cultural e político em que ele estava inserido nesse momento de modernização e modificação que estava ocorrendo no Brasil. Mais especificamente no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, que era o palco de todas as conseqüências das transformações. Na obra podemos observar que o autor demonstra o seu inconformismo com a sociedade brasileira e suas regras. A obra é exemplo do naturalismo no Brasil.

Aluizio de Azevedo mostra como a sociedade brasileira se comportava diante daquela nova forma de governo que era a República, uma vez que essa gerou principalmente no

cotidiano das classes menos favorecidas novas possibilidades de convivência. A história se passa no fim do século XIX e início do século XX na cidade do Rio de Janeiro. O cotidiano das pessoas que viviam no cortiço é apresentado de forma a mostrar o que a República trazia de moderno para aquela sociedade tradicional. Apresenta esse cotidiano marcado por problemas sociais diversos, em que as pessoas lutavam criando estratégias de sobrevivência para manter-se naquela nova sociedade que se constituía com o advento da República.

O novo governo trazia uma nova idéia: a de modernização, no entanto, essa modernização significava o rompimento dos costumes de uma sociedade enraizada nos moldes tradicionais que já existiam antes da República. O cortiço era um ambiente que agregava diversidades, as mudanças que ocorriam nesse período afetavam a vida dos indivíduos, no qual muitos deles não tinham o verdadeiro conhecimento ou o conhecimento mínimo do que seria a República e o que ela trazia de inovadora. Apenas estavam tentando sobreviver em meias aquelas transformações. No cotidiano do cortiço as pessoas viviam conforme as suas possibilidades, que eram muito cruéis.

João Romão, por exemplo, um dos principais personagens vivia inicialmente na miséria, e era a representação do brasileiro pobre daquela época, que buscava a inserção naquela nova sociedade que se formava. João Romão almejava a riqueza, mesmo vivendo no cortiço e convivendo com pessoas dos mais baixos níveis queria se destacar através de títulos de riqueza. João Romão foi se destacando através de sua trajetória de vida e de seus pensamentos ambiciosos. João Romão representa na narrativa então, o exemplo de como o desejo de inserção naquela nova sociedade era defendido por alguns a qualquer preço.

Ao longo da narrativa a escravidão também é apresentada como um dos problemas sociais que ainda afetava aquela sociedade, através da personagem Bertoleza.

As marcas da escravidão são destacadas na obra. A crueldade da escravidão é vista na obra quando a condição de dono de escravo burlava todas as regras. Mesmo tendo uma liberdade forjada por João Romão, Bertoleza ainda vivia sob os aspectos da escravidão. “E a Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos.” (AZEVEDO, 1890: 38).

Gerônimo, um português que veio com a família para o Brasil, chega à comunidade do Cortiço por meio de um emprego que lhe fora oferecido. Porém, sofre grande influência

daquele meio e passa a deixar o trabalho de lado, se envolve com as pessoas que também viviam no cortiço.

Passaram-se semanas. Gerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”. Uma transformação lenta e profunda operava-se nele, dia a dia, hora a hora, revicerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava-lhe lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se de seus primitivos sonhos de ambição. (AZEVEDO, 1890: 59).

Pode-se então observar a partir da trajetória desses personagens a relação que foi estabelecida tal como o impacto entre estrangeiros e brasileiros que se deu naquele momento.

Na obra podem-se analisar as experiências de vida de vários personagens que retratam o significado das transformações dentro daquela sociedade, sociedade essa que possuía valores de toda ordem, religioso, moral, em conflitos, naquele momento de transição de Império para República. “Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente.” (AZEVEDO, 1890: 10).

Desse modo, podemos notar todas as mudanças e inovações que a República trouxe para aquela sociedade, através das trajetórias narradas. Ocorre nessa época uma separação espacial entre a elite e a população pobre, cria-se o afastamento, o público e o privado vão se delineando. As formas de lazer da chamada elite e da classe pobre se tornam distintas. O samba, por exemplo, que era uma das principais formas de lazer das pessoas do cortiço, vão ser vistas pela elite de forma preconceituosa. O autor relata referindo-se a vida no cortiço, cenas comuns ainda nos dias atuais como, por exemplo, as relações muitas vezes conflituosas entre vizinhos, as dificuldades enfrentadas por famílias humildes que não tinham oportunidades de uma vida digna diante da pobreza. No entanto, destaca que mesmo assim, essas pessoas não desanimavam, procurando no lazer uma forma de continuar vivendo, uma vez que “O canto e a dança continuavam, todavia, sem afrouxar.” (AZEVEDO, 1890: 77).

A República então trouxe, não só a modernização, mas também a separação entre o público e o privado. Entre a população pobre e a elite, uma vez que se criou uma separação espacial em que a população pobre se colocava em lugares em que a elite não frequentava. No entanto, essa separação no cortiço não acontecia, por mais que eles quisessem seguir os moldes de uma sociedade européia, eles ainda seguiam os moldes do Antigo Regime

Monárquico. Porém, a ascensão social era o principal objetivo daquela sociedade que muitas vezes mantinha uma relação de desconhecimento com a República.

Em suma, através desta análise interpretativa da relação entre história com a literatura nas primeiras décadas da República, percebemos o quanto a literatura tem ao longo do tempo nos mostrado fatos importantíssimos da história do passado, como também quais possibilidades a Nova História Cultural alinhada à literatura possibilita para o historiador novos campos de estudos, daí a importância de fazermos trabalhos como este feito até aqui que abre a visão de trabalho do historiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluizio. O Cortiço; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo-SP. 1890.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões; Ed. Didática. São Paulo, Cultrix, Brasília. INL, 1973.

PESAVENTO, Sandra Jathy. História & Literatura: uma velha-nova história. História Cultural do Brasil – Dossier coordenado por Sandra Jathy Pesavento, 2006.